

Mas, afinal, o que é Educação Física?: a favor da mediação e contra os radicaisismos

Dr. Hugo Lovisolo*

Em conversas com colegas de diversas áreas de conhecimento, aparece com relativa frequência a constatação de que no Brasil existe pouca polêmica intelectual. Registra-se um certo desencanto diante dessa situação, e as explicações para a ausência vão desde o apelo ao nosso espírito ou mentalidade conciliadora até o cálculo do relacionamento (de como manter boas relações de vizinhança para não complicar a vida, e de que não vale a pena polemizar com alguém de quem poderemos demandar algo no futuro). Outro argumento interessante é o que entende que, se respondemos ao crítico, o promovemos. Assim, seria melhor ficar calado para não fazer publicidade dos nossos adversários intelectuais. Neste contexto de práticas e

racionalizações torna-se muito interessante a polêmica entre os professores Adroaldo Gaya, de um lado e, do outro, as professoras Celi Nelza Kulke Taffarel e Micheli Ortega Escobar (Taffarel-Escobar e seguir), em curso na revista Movimento. Mais interessante se levarmos em consideração que se realiza numa área não central, pelo menos aparentemente, dos estudos acadêmicos e mesmo da agenda política nacional e, também, pela virulência das críticas. Ignoro o tom da réplica do professor Gaya que, imagino e espero, vem por aí.

Devemos reconhecer que a revista Movimento parece estar promovendo a polêmica. Promover polêmicas relevantes é uma função das

boas revistas. Eu também fui pessoalmente solicitado e motivado, para não dizer citado, por membros da revista para participar da mesma. Concorro que o debate público pode ser muito bom para a revista, para os debatedores e para os leitores. Meu desejo é que a polêmica nos ajude a visualizar mais claramente os problemas da educação física no Brasil e que se feche sem deixar feridas pessoais, profundas e duradouras. Contudo, devo reconhecer que ninguém entra numa polêmica se algum tipo de sentimento ou de crença não foi tocado, ferido, mobilizado. Explicar este tópico parece-me absolutamente necessário para estabelecer uma relação clara com os debatedores e os leitores. O artigo do professor Gaya, base da polê-

.....
Especial . Temas Polêmicos
.....

mica, embora eu discorde em vários aspectos, não feriu meus sentimentos nem minhas crenças. Diria que tenho em relação as posições explicativas por Gaya diferenças acadêmicas que posso debater, sem esforço, num tom cordial e respeitoso, valorizando seu empenho de revisão, sistematização e reflexão. Em contrapartida, o artigo crítico das professoras Taffarel-Escobar fere meus sentimentos e crenças e devo realizar um ponderado esforço de autocontrole para estabelecer minhas diferenças num tom acadêmico. O próprio subtítulo, "um exemplo de simplismo intelectual", é prepotente, desrespeitoso e pretensioso. Devemos ir por aí atacando os simples e ingênuos? Ainda mais, penso que o artigo das professoras Taffarel-Escobar, se pretende colocar com o marxismo e com as posições emancipatórias na educação física, joga pedra contra o próprio telhado, um telhado de vidro frágil e construído com uma linguagem desnecessariamente agressiva. Há, talvez, demasiada paixão em suas palavras. Por último, considero que as críticas fazem perguntas que escapam ao teor e objetivos do artigo e criticam o autor por não tratar temas e questões que deles estão distantes. Compete ao leitor realizar uma listagem desses temas e questões.

Minha intervenção na polêmica não será exaustiva, proponho-me apenas a comentar alguns tópicos e questões que considero relevantes e deixarei, portanto, outros na som-

Se a sociedade é complexa, diversificada e plural, é absolutamente coerente deduzir que existirão diferentes interesses, demandas e projetos de intervenção em diversos campos e também no interior do campo da educação física.

um trabalho excessivamente longo para o espírito da polêmica, diluindo-a num rosário de questões impossíveis de serem tratadas com a seriedade que merecem. Comentarei as posições dos debatedores simultaneamente, pressupondo que o leitor acompanha os artigos produzidos. Acredito que, em relação ao texto do professor Gaya, o que nos une é mais significativo do que aquilo que nos separa. Espero, portanto, que meus comentários sejam lidos sobretudo como especificações e complementos dos argumentos de seu artigo.

Na sua aula inaugural o professor Gaya pretendeu mapear diversas propostas realizadas para definir a educação física, seu papel e apresentar sua própria visão. O objetivo é modesto, a linguagem clara e o nível de análise adequado para um artigo de

cinco folhas. Parte do sentimento de crise, de transição, de períodos nos quais perdemos a clareza e o sentido de nossa tarefa. É a partir desses sentimentos que o autor formulou sua questão: Mas afinal, o que é Educação Física? Acredita que em momentos de crise e transição é bom formular perguntas simples. Em seguida, revisou as respostas nacionais e internacionais dadas a essa questão, construiu uma tipologia e se perguntou: Mas, afiliai, o que é a Educação Física? Será ciência ou será filosofia? Continuou expondo sua própria posição que reside em defini-la como disciplina normativa, filosoficamente sustentada e cientificamente municiada, dentro de um projeto pedagógico. Espero que meu resumo, embora condensado, aborde os principais tópicos desenvolvidos por Gaya. É no projeto pedagógico da educação física que ele nos propõe restabelecer nossa identidade.

Diante do objetivo do artigo e de seu desenvolvimento, as demandas das professoras Taffarel-Escobar soam desproporcionais e desmedidas. Em verdade, ambas pretendem determinar o que Gaya deve estudar e como, além de fazerem perguntas que não levam em consideração os objetivos da aula inaugural. As críticas le-

vantam interdições sobre o discurso: se não fala sobre certos temas e com conceitos do marxismo, deveria fazê-lo, e, por fugir a essa regra, o autor é rotulado de simples e ingênuo. Utilizam uma artilharia pesada de citações para atacar seus próprios fantasmas, pois para os leitores não fica claro que estejam vivos no texto de Gaya. Mais ainda, o texto das professoras transpira a sensação de estarem criticando o professor Gaya por haver deixado de ser um revolucionário. Em nenhum momento, contudo, as professoras Taffarel-Escobar discutem o que significa hoje - nas atuais condições das relações sociais de produção, da cultura e da política - ser revolucionário, nem apresentam uma análise concreta que, por contraposição, saliente o simplismo intelectual de Gaya e a superioridade do marco teórico e metodológico assumido pelas professoras. Corresponde a elas o ônus de provar suas acusações. Apesar de acusar Gaya de não levar em consideração as "condições atuais do capitalismo", elas tampouco as explicitam. Será que as professoras são idealista? Tampouco clarificam de que marxismo, dos muitos existentes, Gaya elas mesmas e nós deveríamos ser devedores. Ou seja, os qualificativos destinados a Gaya podem muito facilmente ser voltados contra elas próprias. Por último, o grande erro, melhor seria dizer pecado, do professor Gaya teria sido o de abandonar o marxismo, caso tenha sido marxista, ou de não situar-se em sua tradição analítica.

O discurso das professoras é construído com palavras de ordem e frases de efeitos especiais, muitas delas distantes da tradição marxista. Os dois parágrafos finais de sua crítica são um claro apelo a sentimentos e crenças nacionalistas, pois os nossos homens estariam perdendo os brios revolucionários e trocando nosso outro por sucata. Observe-se que: a) a bibliografia de apoio das professoras Taffarel-Escobar é tão de fora e etnocêntrica como a citada por Gaya (entretanto acusam o autor de entregar-se aos etnocentrismos); b) as fontes da tradição marxista sempre foram multinacionais, segundo ensinam os próprios manuais marxistas (filosofia alemã, economia inglesa e socialismo francês), portanto a crítica ao estrangeiro não parece fazer sentido na tradição marxista e c) o pensamento revolucionário marxista possui uma corrente principal que é internacional e não nacional. A prova são os slongans do Manifesto Comunista. A partir de qual marxismo falam as professoras Taffarel-Escobar? Será o de Stalin por acaso?

Na dialética de suas críticas as professoras Taffarel-Escobar apresentam como argumentos de Verdade citações de Leontieff, de Lenine e de outros marxistas. Os argumentos das citações são tomados como verdades absolutas, sem referência com os dados da realidade e sem interpretar os argumentos das citações nos seus respectivos contextos históricos (as críticas acusam o

professor Gaya de fazer exatamente isso). Esta dupla de empirismo não é compatível com os investimentos em pesquisa empírica realizados por Marx, Engels, Lenine e tantos outros marxistas (é desnecessário aqui citar as obras dos fundadores do marxismo baseadas em dados empíricos). As citações são usadas como balas para atingir inimigos e não como argumentos que colaborem com a reflexão. Esta operação é pouco materialista histórica, pois parece acreditar que o valor da citação é eterno e imutável. Crença, esta, pouco partilhada pela tradição marxista. Veja-se, como exemplo, o segundo parágrafo, onde se declara "explicitaremos elementos para contestar uma definição da Educação Física elaborada idealisticamente. (Lenine, 1982)". (Um leitor pouco informado pode chegar a pensar que no seu livro Lenine atacou a educação física elaborada idealisticamente). Ou seja, a definição de Lenine de idealista é tomada como referência sem ser entretanto: a) apresentada; b) comentado e analisado materialisticamente o contexto de sua emancipação para interpretá-la e c) avaliada ao momento presente. De fato, obra de Lenine é *Materialismo e Empiriocriticismo*, obra com quase um século, que foi escrita em condições especiais e em confronto, se a memória não me falha, com o idealismo de Mach, Avenarius e Deborin, este seria um idealista menchevizante particular ou etnograficamente russo. A obra, como é sabido, recebeu

pesadas críticas e correções por parte de aurores marxistas. Marxistas brasileiros de respeito, como Leandro Konder, por exemplo, duvidaria muito em se apoiar em Leontieff. Ou seja, se não formos especialistas em Lenine estamos fora do jogo e, se não acreditarmos no marxismo, somos ímpios, simplistas e idealistas. O oímpismo dogmático caracteriza o discurso das professoras Taffarel-Escobar.

Pessoalmente acredito que a força do marxismo, embora em declínio, não morreu por dois motivos principais. O primeiro, reside no fato da injustiça, uma força motivadora da tradição marxista, ainda ser uma realidade vivida, embora com nuances em diferentes sociedades e especialmente na brasileira. Contudo, devemos reconhecer que a luta contra a opressão, a miséria, as injustiças e as desigualdades não é propriedade exclusiva do marxismo. O segundo motivo reside na própria potencialidade de conceitos e modos de análises elaborados pela tradição marxista. Valorizo, portanto, os esforços de repensar seriamente a tradição marxista. A dogmatização pouco favor faz à tradição marxista. A dogmatização - quando o socialismo real explode, o proletariado perde peso político e social e dificilmente pode ser pensado como força revolucionária, as economias se terciarizam e globalizam, e as crises agonísticas do capitalismo se tornam contornáveis, até quase um espelhismo - pouco pode colaborar com a revitalização da tradição marxista.

Mais uma vez as professoras ignoram as condições reais do capitalismo e parecem falar de um capitalismo mítico ou ideal, assim, seria preferível que com análises históricas e sociais as professoras Taffarel-Escobar mostrassem a superioridade da tradição marxista na explicação, interpretação e intervenção na educação física, na educação e na política de modo geral e contribuíssem para sua reelaboração. Assim, deveriam demonstrar que na educação "confrontam-se interesses hegemônicos e emergentes que a colocam em tensão entre dois pólos: propiciar a emancipação humana ou favorecer a alienação, determinados pelos movimentos sociais organizados e pela realidade conjuntural." As idéias em pauta podem ser consideradas apenas desejos das professoras e idealização maniqueista, caso não apresentem análises teóricas e empíricas que as fundamentem. Somos muitos os que estamos cansados de palavras de ordem, de palavras mágicas sem elaboração teórica e conteúdo empírico. Poderiam também mostrar, a partir de análises históricas e sociais, como uma análise complexa é melhor do que uma análise simples. Há exemplos de análises complexas muito ruins e de boas análises simples; também há análises simples péssimas. Uma análise, então, não é boa por ser

complexa nem boa por ser simples. Quando decretamos que uma análise é ruim por ser simples, sem especificarmos seus erros formais e factuais, estamos usando um argumento publicitário distante da moral intelectual (Percebes leitor quão fácil é atacar alguém solicitando que forneça respostas?).

Acredito que a intervenção de Gaya parte do já velho sentimento de perda da unidade do mundo e também da perda de um sentido profundo para nele agirmos. A perda da unidade, pensada e sentida como fragmentação, seria um resultado da modernidade, da diferenciação e complexificação da sociedade. Marx afirmava que no mundo moderno que vivia "tudo o que é sólido desmancha-se no ar" (os sentimentos de partida de Gaya estariam em boa companhia segundo a perspectiva marxista). A modernidade, contudo, foi também vista como reação a esse sentimento na geração de projetos (filosóficos, políticos e científicos) de restauração da unidade, de emancipação e de sentido para o agir. Uma versão difundida da pós-modernidade a identifica com a aceitação da fragmentação e a própria superficialidade da vida. O sentimento moderno de perda de unidade alia-se, de praxe, ao de crise e de transição imaginária para uma nova

unidade. Um mundo no qual a diferenciação econômica, a crise política, a segmentação social, a fragmentação cultural, com seus conflitos e efeitos (positivos e negativos), poderiam ser superadas. A revisão de Gaya mostra própria fragmentação da educação física, nas diferentes propostas e projetos que pretendem estabelecer o objeto de reflexão e as áreas e modalidades de intervenção, e pretende encontrar na normatividade do projeto pedagógico a unidade. A fragmentação parece então ser resultado das próprias relações sociais e culturais, ao invés de mero resultado de construções idealísticas. O problema que Gaya não questiona, talvez por falta de oportunidade e espaço, é o da base de sua intervenção: os sentimentos, as imagens e as crenças que o levam a intervir. Certamente, esses sentimentos, imagens e crenças foram construídos na história, não são produtos idealísticos de sua própria cabeça e, portanto todos nós os compartilhamos embora com peculiaridades.

Eu convido o colega Gaya e os leitores e ma acompanharem em um outro percurso argumentativo. Se a sociedade é complexa, diversificada e plural, é absolutamente coerente deduzir que existirão diferentes interesses, demandas e projetos de intervenção em diversos campos e também no interior do campo da educação física. Isto implica que os grupos sociais, e os indivíduos, procurem dar sentido ao seu estar no mundo em

diferentes esferas de atividades (política, familiar, trabalho, cultura, esporte e lazer entre outras). A auto-realização, entendida como auto-construção de sentimentos de realização individual, torna-se um valor profundo e abrangente, presente também no cerne da tradição marxista. Contudo, nenhum sentido particular ou singular, crença de um grupo ou de um indivíduo, parece possuir as condições para se tomar o sentido, restaurando a unidade e o sentido profundo. Dar sentido é, basicamente, encontrar valores que orientem nossa ação no mundo. Numa sociedade plural é bastante impensável que um valor ou conjunto particular de valores torna-se o valor ou o conjunto universal de valores.

Concordo assim com o professor Gaya, no sentido que a intervenção é normativa ou axiológica, como explicitarei no seu artigo citado por Gaya. O professor Gaya acusado de idealista pelas professoras Taffarel-Escobar. Esclareçamos agora o sentido comum dessa acusação. Quando os cristãos, os negros, as mulheres, os homossexuais, os anarquistas ou os marxistas lutam pela justiça social, pela igualdade, pela fraternidade, pela liberdade, pela emancipação (material e mental) ou por qualquer outro valor, são tão idealistas quanto Ghandi, Mandela, Che Guevara, Lula, Betinho, Taffarel-Escobar, Gaya, eu e a torcida do Flamengo. Viva, portanto, o idealismo dos que lutam por va-

lores públicos e partilháveis, embora não sejam os únicos valores. Idealismo, no seu sentido mais corrente, significa orientar-se por ideais ou valores de difícil ou impossível realização, especialmente no campo moral e política. Também idealismo, em nosso contexto, é uma acusação que frequentemente os defensores do status quo impingem àqueles que pretendem mudar relações sociais. Para dizer que alguém é idealista devemos, portanto, esclarecer muito bem o que pretendemos dizer.

Peço que o professor Gaya e os leitores dêem uma profunda expiração, relaxem e pensem mais ou menos assim: se a sociedade é plural, se há demandas e valores orientadores diferenciados e se queremos manter a paz, devemos aceitar as diferenças, ser tolerantes e promover o diálogo entre os diversos projetos, embora sem abandonarmos a luta pelos valores que consideramos justos. Isto significa que mais que tentar definir o que é a educação física, por meio de uma resposta única, devemos aceitá-la como campo heterogêneo de pesquisa, formação e intervenção sobre a sociedade. Apenas podem rejeitar este ponto de vista os que estão convictos de que sua posição é a única legítima, verdadeira, correta ou justa. De praxe, os convictos e os dogmáticos ficam enfurecidos quando se confrontam com uma proposta que não é a deles. Suas atitudes pouco têm a ver com o diálogo, com o confronto de opiniões e de argu-

mentos lógicos e empíricos para construir acordos que aumentam a justiça no mundo. A unidade pode ser boa se construída a partir de acordos entre os atores sociais em contextos de liberdade, participação e da maior transparência possível. Entretanto, a unidade construída a partir do exercício da violência simbólica e física não será jamais boa. Estas afirmações sobre a unidade não pretendem ser científicas, são apenas razoáveis e valorativas.

Dou um exemplo de outra área que acredito pode ajudar-nos a entender a questão: mas, afinal o que é a Educação Física?. Suponhamos que uma Escola de Medicina X orienta-se na formação do médico de comunidade e de família, a Y pela formação de pesquisadores e a Z pela formação de pessoal qualificado no campo da saúde preventiva. Esta situação significaria que a medicina perdeu sua unidade e sua identidade? Acredito que não. Significa apenas que há projetos diferenciados sobre seu desenvolvimento e sobre os modos de intervenção. Os projetos baseiam-se em interesses diferenciados. Porém, também, em formas diferenciadas de lidarmos com as incertezas do presente e do futuro. Na verdade, poderiam vir a ser áreas disciplinares e profissionais diferentes se cada uma dessas escolas tivesse sua própria anatomia e fisiologia ou sua própria química e patologia. Aí sim cada uma estaria fechada sobre si mesma. Fechar-se, para se obter a

Na construção da identidade disciplinar ou profissional, os debates e os conflitos desempenharam e ainda desempenham uma papel significativo.

unidade e o sentido, não parece ser um caminho internacional, no sentido dado pelo marxismo, nem tampouco democrático e plural. Ainda no caso de seus currículos enfatizarem aspectos e disciplinas diferentes, igualmente podemos considerá-las como formando parte da medicina e daquilo que os médicos fazem. Poderão existir de cada escola, proselitistas convictos, que digam que seu projeto representa a verdadeira medicina e o que deve ser feito. Entretanto, para um observador menos comprometido com a dinâmica de cada escola, poderá ser fácil aceitar que prevenir no campo da saúde, atender as famílias e as comunidade e realizar pesquisas de ponta são todos objetivos válidos pois relacionados com o valor da saúde, da qualidade de vida, da realização pesso-

al e coletiva. São também caminhos válidos, embora diferenciados, para atacar os problemas de doenças de variadas etiologias e contribuir com o valor da saúde, de fato, o problema emerge quando os recursos são escassos e se faz necessário estabelecer prioridades. A prioridade na distribuição dos recursos não significa uma prioridade epistemológica, ontológica ou axiológica. As prioridades, socialmente construídas, são respostas às circunstâncias singulares e demandam argumentos situacionais para validarem-se. De fato, as prioridades podem também ser estabelecidas em relação a valores sem, no entanto, eliminar algum deles. Pessoalmente escolheria como Valor para a ação do Estado a justiça distributiva. Este problema é complexo demais para ser tratado nos limites deste artigo e pela minha própria competência no assunto.

Suponhamos agora que temos uma Escola de Educação Física X que objetiva ao treinamento esportivo, uma Y que se preocupa com a pesquisa e a formação de recursos em educação física escolar e uma Z que trabalha na linha do esporte comunitário e do lazer. Pareceria que há na sociedade demandas para todas essas ofertas. Pode ser discutida a prioridade na distri-

buição dos recursos, seria, entretanto, de um fanatismo unitarista extremo afirmar que alguma delas não merece existir por razões epistemológicas ou ontológicas. O Estado pode decidir, por exemplo, que não financiará o esporte competitivo, pois, entre outros argumentos possíveis, assume que sua função é a de realizar políticas públicas que beneficiem a maior parcela da população, sobretudo aqueles que contam com menores recursos (justiça distributiva), e também por considerar que a iniciativa privada conta com recursos e interesses para desenvolver esse objetivo, que destinará seus recursos para as escolas Y e Z. Isto não significa fechar a escola X, nem excluí-la do campo da educação física, nem decretar a morte do esporte de alto rendimento. Em verdade, num mundo plural, cada escola de educação física deve procurar sua identidade, seu nicho ecológico.

A diferenciação entre as escolas, propostas e programadas suscita o problema da identidade da educação física. A identidade da educação física, como de qualquer campo disciplinar e/ou profissional, resulta da ação para estabelecer acordos que se mediatizam por meio de asso-

ciações e organizações, de sentimentos de pertencimento a uma comunidade, de publicações, de encontros e reuniões científicas e mesmo de legislação ou regulamentações públicas ou privadas. É assim a prática social doadora de unidade. Afinal as identidades resultam dos discursos e das práticas dos homens. Caso contrário, como poderíamos considerar que cirurgiões, homeopatas e psiquiatras são médicos e fazem medicina, ou engenheiros químicos e engenheiros civis, engenheiros, ou físicos teóricos e experimentalistas, físicos, ou advogados especializados em direito internacional em direito privado, advogados? A definição de uma área ou campo disciplinar não poder ser rigorosa. Ao contrário, para o campo disciplinar ou profissional existir é necessário que a definição do mesmo seja frouxa, generalizante e englobadora. O mal-entendido resulta, penso, também no modo de exposição de Gaya, quando pretende que deva existir apenas uma definição do direito, da engenharia, da física, da educação física ou de qualquer outro campo disciplinar. Há identidade por existir uma história de construção da identidade, uma socialização na identidade e não uma única definição. Na construção da identidade

disciplinar ou profissional, os debates e os conflitos desempenharam e ainda desempenham um papel significativo. A história, a sociologia e a antropologia das ciências, das comunidades científicas e profissionais demonstram isso amplamente. A multiplicidade de propostas pode coexistir, embora com conflitos, se a tolerância, o respeito mútuo e o acordo sobre os padrões que regem a atividades científica e profissional tornarem-se valores orientadores da participação.

Espero que, além dos estardalhaços da polêmica, os envolvidos continuem aprofundando suas pesquisas, produzindo um material mais rico e confrontável, que permita trocar seus resultados - produtos sempre parciais e transitórios - de forma complementar ou modificadora dos respectivos pontos de vista. Espero, também, que a pirotécnica que caracteriza as polêmicas não ocupe o lugar dos problemas substantivos.

UNITERMOS _____

Educação Física - Ciência - Filosofia

**Professor no Programa de Pós-Graduação da Universidade Gama Filho*